



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Adrielly Facundes da Silva¹, Jakeline Alves de Moraes², Lucas Rodrigues Parrião³, Rosângela Vieira Carvalho⁴, Soratha Milêne Cavalcante Valverde⁵, Uilton da Silva de Souza⁶, Max Lanio Martins Pina⁷, Maria Juliana de Freitas Almeida⁸

1 Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Porangatu, bolsista PIBID- CAPES. adriellyfacundes@hotmail.com. 2 Graduanda Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 3 Graduando Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 4 Graduanda Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 5 Graduanda Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 6 Graduando Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 7 Docente Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu, Voluntário da IES. 8 Docente Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu, Coordenadora de Área.

INTRODUÇÃO

Com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) ganhou força o debate sobre as novas formas de trabalhar a disciplina escolar História, cujo objetivo passa a ser o de romper o tradicionalismo que permeia as salas de aula, visando uma construção mais crítica através da reflexão e utilização de outras fontes e pontos de vistas diferenciados. Dessa forma, cabe ao professor ultrapassar um ensino que dificulta o desenvolvimento da criatividade, em busca da construção de uma nova sociedade e do reconhecimento do educando como agente ativo da própria história, portador de direitos, que precisa de uma educação de qualidade e que a mesma ensine a todos, sem distinção.

OBJETIVO(S)

O presente trabalho tem por objetivo geral apresentar os diversos materiais didáticos, bem como suas utilizações no ensino de História e como objetivos específicos: apresentar a definição de material didático conforme os PCN's, conceituar suportes informativos e documentos e identificar os principais documentos que podem ser utilizados no ensino de História.

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de revisão bibliográfica, que reflete sobre os materiais didáticos, e o conceito destes contido nos PCNs (1998) e do diálogo de autores brasileiros, que ao longo do tempo vêm discutindo o ensino de História.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de História, material didático é todo material que sirva como mediador da comunicação entre professor e aluno. Assim são materiais didáticos tanto os elaborados especificamente para o trabalho em sala de aula, como aqueles que não são produzidos para esse fim, mas que são utilizados pelo professor para criar situações de ensino (PCN, 1998, p. 79). Usando a definição de Bittencourt, os materiais didáticos são os mediadores no processo de aquisição de conhecimentos e facilitadores da apreensão de conceitos, informações e linguagem (BITTENCOURT, 2009, p. 296).

O ensino de História precisa superar o exclusivismo do livro didático, promovendo a interação com outras fontes, através da multiplicidade de documentos, como música e poesias, nas palavras de Circe Bittencourt (2009): devemos promover a participação do aluno, em nome de uma sala de aula diferenciada com vistas a superar o tempo único, homogêneo e linear remanescente do ensino tradicional.

1 Suportes informativos

Bittencourt (2009) classifica os materiais didáticos em duas categorias: os suportes informativos, que são os materiais produzidos especificamente para a escola, tais como livros didáticos, apostilas, cadernos, dicionários, CDs, DVDs, CD-ROMs, mesmo que produzidos pela indústria cultural são destinados ao ensino escolar. Um segundo grupo denominado documentos, são materiais visuais ou textuais, produzidos com outra finalidade, mas que são utilizados com finalidade didática (BITTENCOURT, 2009, p. 296-297).

Silva e Fonseca afirmam que o professor de História pode, e deve, trabalhar com livros didáticos, não didáticos, filmes ficcionais ou documentários, história em quadrinhos, música de todos os estilos, edificações, objetos e outros, ampliando assim as opções de temas e problemáticas a serem estudadas e de documentos históricos para discussão, mediante a escolha do professor (2007, p. 126-127). Essa seleção segundo Bittencourt se dá de acordo com as concepções sobre o



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**
14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



conhecimento e o tipo de formação que se pretende, por parte do professor, e de como o aluno irá apreendê-lo (2009, p. 299).

2. Documentos

Quando a História recebeu o estatuto de ciência, com a escola metódica em fins do século XIX, o registro privilegiado pelo historiador era o documento escrito, com sentido de prova. Para a História até então só era importante aquilo que fosse documentado. Ao historiador cabia retirar dos documentos tudo o que eles continham, sendo que o mesmo falava por si e a objetividade ficava garantida pela fidelidade ao papel e a neutralidade do historiador. A Escola dos *Annales* ampliou a noção de documento a partir de outra concepção de História, onde o acontecer histórico se faz a partir das ações dos homens. Aos documentos escritos foram incorporados outros que falam, mas para falar necessitam que lhes sejam feitas as perguntas adequadas. Assim, o ponto de partida passa para o problema (VIEIRA, 2007, p. 12-15). No intuito de dar conta de tudo isso, o historiador se vê na contingência de diversificar a gama de materiais utilizados na investigação, incorporando novas linguagens: literatura, relatos, cinema, teatro, música, pintura, fotos, etc., surgindo a necessidade do professor repensar a própria relação da história com essas linguagens.

Ao trabalhar com outras linguagens é necessário colocá-las como elementos constitutivos da realidade social. Assim, percebe-se uma promoção da amplitude conceitual do que até então se concebia como documento histórico e o seu uso.

Toda essa ampliação da noção de documento e de temáticas nas pesquisas historiográficas foram também experimentadas no ensino de História, que passou a incorporar diferentes linguagens e fontes.

Nesse sentido, Moniot lembra que professores e historiadores não utilizam o documento da mesma forma, pois o historiador ao buscar o documento já detém o conhecimento histórico relativo ao período (MONIOT, *apud* BITTENCOURT, 2009, p. 329).

Conforme Cerri

Usado com mais sofisticação, o documento pode gerar situações-problema capazes de chamar a atenção e suscitar dúvidas, cuja solução buscada a partir de hipóteses levantadas pelo professor mobilizará a curiosidade e a participação do aluno. Extremamente rico este tipo de atividade reproduz, em outra escala, alguns dos passos obrigatórios do historiador. O documento

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

serve também como elemento provocador, que repõe em questão representações e atitudes do senso comum e até mesmo conhecimentos históricos já cristalizados, estimulando debate, a busca de informações, a elaboração de argumentos. (2004, p. 68).

O professor utiliza as fontes históricas de forma diferente e com objetivos também diferentes, podendo ser fonte de informação, conhecimento de uma situação histórica ou introduzir um tema. Não existe uma faixa etária para a qual o documento seja mais ou menos indicado, o importante é que o mesmo esteja adequado aos diferentes níveis de escolarização (BITTENCOURT, 2009, p. 329-331), mas, principalmente, independente do objetivo o documento deve ser questionado, problematizado.

2.1 Documentos escritos

Documentos escritos são os mais comuns e mais tradicionais, tanto na pesquisa histórica quanto no ensino de História, são compostos por leis, artigos de jornais e revistas, trechos literários, poemas e letras de músicas. Cada qual comporta uma linguagem e suas especificidades.

2.1.1 Imprensa escrita

Sua utilização pode ser feita tanto para a análise do conteúdo das notícias quanto a forma como são apresentadas, sendo importante fazer uma reflexão sobre a autoria dos acontecimentos, bem como o papel do jornalista, o papel do jornal como formador de opinião pública. O professor pode recorrer a jornais de um mesmo período histórico provenientes de diferentes setores como os da grande imprensa jornalística e os jornais dos grupos sindicais, lembrando sempre aos alunos que o discurso de textos jornalísticos nunca é neutro (BITTENCOURT, 2009, p. 335-338).

2.1.2 Literatura

A literatura oferece uma “viagem” ao passado, na mentalidade da época, no universo político, econômico, dando oportunidade para o aluno fazer sua própria leitura da história,

Ainda que, ao contrário do historiador, o romancista e o poeta não tenham o compromisso com a realidade dos fatos ou com a reconstituição do passado, seu trabalho pode ajudar a preencher certas lacunas do conhecimento



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



histórico. A literatura auxilia o historiador a repensar e ampliar o leque de seus questionamentos sobre a realidade. Na medida em que tratam da condição humana, a ficção e a poesia são instrumentos importantes para a análise da realidade. (BOSCHI, 2007, p. 36-7).

Quem melhor conheceria a sociedade carioca do século XIX do que autores como Machado de Assis ou José de Alencar, que se dedicaram a descrever sobre os costumes da época? A literatura não deve ficar circunscrita ao ensino de Língua Portuguesa, mas também a outras disciplinas, como a História, a fim de contribuir duplamente com sua possibilidade de interdisciplinaridade e estímulo ao prazer da leitura. Para a História é possível utilizar os textos literários como documentos de época e seus autores como exemplos pertencentes a determinado contexto histórico, com a sua cultura, valores e representantes do seu tempo. (BITTENCOURT, 2009, p. 338-342).

2.1.3 Documentos oficiais

São os mais comuns na pesquisa historiográfica, mas pouco utilizados no ensino de História, tem se tornado comum o uso de documentos pessoais dos alunos, por possibilitarem o debate sobre direitos dos cidadãos nas sociedades contemporâneas, segundo Bittencourt (2009, p. 342-343).

2.2 Documentos não escritos

São compostos por toda a diversidade de materiais que não têm na escrita a sua forma principal de comunicação, são os objetos de museus, fotografias, quadros, filmes e músicas.

2.2.1 Museus

Almeida e Vasconcellos (*in* BITTENCOURT, 2004, p. 104-116) e Bittencourt (2009, p. 354-360) falam da possibilidade educativa dos museus, promovendo a discussão histórica a partir de elementos da cultura material, onde o museu é o local de guarda de bens, de pesquisa e práticas educativas.

Aos alunos cabe esclarecê-los acerca do que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social, pois para a maioria o museu é somente um lugar onde se conservam um monte de

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

coisas velhas. É necessário que o aluno compreenda a trajetória do objeto, desde o local onde foi encontrado ou adquirido até chegar ao museu. Essa atividade deve ser realizada no início ou fim do trabalho com os alunos.

É necessário que o aluno se coloque em uma posição inquisitiva quanto ao objeto e compreenda que este é parte integrante de uma organização social, parte da vida cotidiana, dos rituais, da arte de determinado grupo social. Para isso o aluno terá momentos de observação livre e observação dirigida, para que aprenda a ver, parar diante do objeto, fixar e concentrar o olhar sobre ele, partindo para a identificação e descrição do objeto (o que é, como foi feito, que tipo de material, para que serve, quem o utilizava), indo para a comparação (peças semelhantes ou diferentes), tentando identificar o objeto em relação aos outros, ou seja, sua tipologia, assim como o contexto no qual foi produzido, lugar permite a classificação do mesmo e seu entendimento como elemento de determinada cultura. Parte-se então para a síntese que corresponde ao processo que vai da situação concreta e particular ao mais geral, da peça ao contexto cultural ao qual ela pertence.

Um trabalho mais proveitoso em museus necessita que o professor: conheça seu acervo e defina previamente os objetivos da visita; selecione o tipo de museu mais adequado a seu conteúdo, podendo ser uma exposição, parte dela ou até mesmo um conjunto de museus; verifique as atividades educativas que os museus oferecem e se estão de acordo com os objetivos propostos; prepare o aluno para a visita, através do treino da observação, estudo de conteúdos e conceitos; dê continuidade à visita em sala de aula; avaliando o processo educativo com a finalidade de aperfeiçoar o planejamento de novas visitas.

2.2.2 Imagens (pinturas, fotografias e filmes)

Qualquer imagem, pintura, fotografia ou propaganda pode ser utilizada como fonte de informação histórica, mas é preciso não reduzi-la a mera ilustração e nem tomá-la como verdade absoluta, conforme lembra Caio César Boschi

Destaque-se ainda a relevância que as imagens têm adquirido como documento. As imagens não são o retrato da realidade, mas sim representação dela. De toda forma, são sempre importante fonte de informação da época, das pessoas e das sociedades em que foram produzidas. (2007, p. 37).



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



É necessário ressaltar que o artista interpreta a realidade, segundo seu estilo e movimento artístico. Uma obra pode se referir ao assunto tratado, mas também se relaciona com as intenções do artista, a maneira como ele viu e interpretou o objeto retratado. Da mesma forma, uma fotografia não é o real, mas sua representação, pois traduz as ideias do fotógrafo, com um ângulo específico, um tratamento particular dado à imagem.

As imagens são subjetivas e carregam a visão de seu autor. Tendo em mente esta afirmação, para uma interpretação a partir destes elementos é necessário fazer uma análise crítica do autor, conhecer o que o autor produziu, a época em que viveu, para assim iniciar um entendimento sobre os seus objetivos, mas mesmo assim, é impossível desvendar com exatidão o que ele pretendia.

Após estes levantamentos preliminares é preciso descrever a obra, os elementos presentes, a cor predominante, as sensações que transmitem os objetos retratados, os personagens e suas ações, as expressões faciais, para em seguida buscar uma interpretação e estabelecer as relações entre a obra e o período em que foi produzida, a visão do autor sobre o evento retratado, as conclusões que o grupo chegou a respeito e as divergências de interpretação.

Os filmes são ótimas fontes para o estudo de história, pois podem abordar aspectos do cotidiano em determinadas épocas, vestuários, hábitos alimentares, entre outros. A sétima arte recria cenários históricos de uma maneira épica e pode tornar o ensino mais dinâmico e interativo. Erros de gravação e curiosidade também podem despertar o interesse do aluno para os fatos abordados.

O filme deve ser cuidadosamente escolhido de acordo com o objetivo da aula. É importante levar em consideração a faixa etária dos alunos, o tempo de duração do filme. O professor deve assistir ao filme previamente e anotar os pontos e as cenas que ele, como especialista da área e também como espectador, destacaria para trabalhar os assuntos. Esses pontos podem servir como orientação para os temas a serem trabalhados e debatidos. Ao escolher o filme é importante ler textos relativos a ele, no sentido de obter elementos adicionais sobre o tema central a ser debatido, que após o debate devem ser anotados e posteriormente distribuídos para todos. A anotação também será um material importante para o professor nas aulas subsequentes ao filme.

É preciso tomar cuidado com o fato de que por trás de um filme, inclusive de documentários, há sempre um diretor e um roteirista, que podem usar de sua imaginação para a criação de uma estética inovadora, porém não necessariamente articulada como real. No entanto o filme sempre pode ser utilizado como uma ferramenta que possibilita a problematização inicial de

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

um determinado conteúdo ou até mesmo da própria realidade dos alunos. (BERUTTI; MARQUES, 2009, p. 131).

A análise do filme deve levar em conta a leitura interna, conteúdo, personagens, acontecimentos principais, cenário, lugares, tempo em que ocorre a história narrada, assim como a leitura da produção do filme (diretor, produtor, música, tipo de técnicos e técnicas) e, também, o contexto externo do filme: ano, país e premiações.

2.2.3 Música

A música é uma forma de expressão artística que remonta à pré-história, quando nossos ancestrais já compreendiam os ritmos da natureza e os reproduziam através de instrumentos feitos em osso e pedra. No decorrer dos séculos a música foi utilizada também como crítica política e social, relacionada a um determinado tempo histórico.

Por possuir uma linguagem específica, o método de análise se faz a partir de vários componentes e diferentes sujeitos: autor, intérprete, músicos, gravadores, produtores, técnicos, além de consumidores. Muitas vezes utiliza-se apenas uma leitura da letra da música, tirando dos alunos oportunidade de conhecer estilos musicais diferentes.

Alguns momentos históricos podem ser facilmente tratados com músicas como por exemplo os períodos ditatoriais. Selva Guimarães Fonseca no livro *Didática e Prática de Ensino de História* (2003) faz indicações de músicas de estilos variados, para diversos conteúdos de História do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História muitas vezes é vista como uma disciplina pouco interessante por parte dos alunos, caracterizada como um conhecimento que visa a memorização. Este trabalho procurou demonstrar a existência de múltiplas possibilidades de metodologias para o ensino de História a partir da inserção dos documentos, na sala de aula, como materiais didáticos para alunos e professores, assim como a introdução dos alunos no universo do historiador.

Lembrando que o ensino de História deve ir além da superficialidade dos conteúdos trabalhados pela história tradicional de muitos livros didáticos e interagir com outras fontes e ramos disciplinares. Mas, qualquer material didático perderá sua força, seu valor, caso não haja a intermediação do professor, incitando, motivando, questionando, provocando reflexões e mudanças.



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



AGRADECIMENTOS

À comunidade do Colégio Estadual Presidente Kennedy, pelo carinho e generosidade que acolheu o PIBID, subprojeto de História do Câmpus de Porangatu, nossa gratidão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Repensando o Ensino)

BERUTTI, Flávio; MARQUES Adhemar. *Ensinar e Aprender História*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. (org.) *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Repensando o Ensino)

BOSCHI, Caio César. *Por que estudar História?* São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

CERRI, Luís Fernando. *Direito à fonte*. Nossa História. São Paulo: Vera Cruz, ano 1, n. 7, p. 66-68, mai. 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papyrus, 2003. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

SILVA, Marcos e FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no Século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas, SP: Papyrus, 2007. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho)

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014